

# **IMAGENS DE SALVADOR, POR PIERRE VERGER, NA REVISTA O CRUZEIRO.**

**Juciara Maria Nogueira Barbosa \***

O presente artigo propõe ressaltar a importância da revista O Cruzeiro, na década de 1940, para a divulgação, em nível nacional, de imagens de Salvador em concordância com os padrões adotados pelo veículo, que no período buscava destacar, em primeiro plano, o país e sua gente. A abordagem privilegia aspectos observados na pesquisa para a dissertação A Bahia de Jubiabá em fotografias de Pierre Verger, defendida pela autora em janeiro de 2005, sob orientação do professor Dr. Eugênio de Ávila Lins, junto ao Mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes – Universidade Federal da Bahia.

## **1. A MODERNA LINHA FOTOJORNALÍSTICA DA REVISTA O CRUZEIRO**

Na primeira metade do século XX muitas pessoas deixaram a Europa. Alguns como exilados, fugindo das guerras, abandonando uma vida estruturada e uma carreira de sucesso, outros em busca de liberdade e aventura, procurando afirmar suas diferenças individuais em um mundo que se uniformizava. Assim, muitos deles chegaram ao Brasil em busca de oportunidades. Nesse período a empresa de comunicação *Diários Associados*, pertencente a Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Melo e sediada no Rio de Janeiro, era responsável pela publicação de vários jornais em diversos estados brasileiros, possuía estações de rádio e uma editora. Maior, mais conceituada e mais polêmica empresa ligada à comunicação no país, sua história de sucesso deveu-se, sobretudo, à capacidade de seus dirigentes de ousar mudar, adaptando-se sempre as novas circunstâncias e tirando proveito das mais inusitadas situações.

Foi essa visão pouco convencional para a época que permitiu a diversos estrangeiros que chegaram ao país, notadamente na década de 1940,

encontrar uma oportunidade profissional. “O magnetismo que a figura do refugiado político exercia sobre Chateaubriand era tal que ele não fazia distinção entre exilados de esquerda ou de direita, e não perguntava qual era a ideologia do regime ou de quem fugia dele” (MORAIS, 1996, p. 416). Ao integrar a equipe dos *Diários Associados* intelectuais fugidos do nazi-fascismo, a exemplo do judeu austríaco Otto Maria Carpeaux, que tornou-se redator regular da revista *O Cruzeiro*, e o escritor francês Georges Bernanos, contratado como colaborador permanente de *O Jornal*, Chateaubriand possibilitou a incorporação de diversas novidades na imprensa brasileira.

Segundo narra Fernando Morais (Idem), foi na condição de deportado que chegou da Argentina o diagramador Gáston Bernardo e, logo contratado pelos *Diários Associados*, introduziu importantes mudanças na programação visual de *O Jornal*. Mas foi o fotógrafo francês Jean Manzon quem produziu na revista *O Cruzeiro* mudanças impactantes, contribuindo significativamente para que esta se tornasse um marco de sucesso de público e de vendas. Antes de chegar ao Brasil, em 1942, Manzon havia trabalhado como repórter fotográfico da revista *Paris Match* e do jornal *Paris Soir*, trazendo dessas experiências todo um referencial visual com relação à prática do fotojornalismo e a própria concepção gráfica das mais modernas publicações francesas do período. Durante a Segunda Guerra Mundial, Manzon tornou-se membro do Serviço Fotográfico e Cinematográfico da Marinha Francesa, cobrindo diversos episódios. Em Londres, foi trabalhar no serviço cinematográfico de guerra inglês, órgão dirigido pelo brasileiro Alberto Cavalcanti, que lhe sugeriu uma viagem ao Brasil.

Já no Rio de Janeiro, freqüentando a boemia carioca e entabulando relações com intelectuais de prestígio, Manzon conheceu o jornalista Freddy Chateaubriand, diretor da revista *O Cruzeiro* e sobrinho de Assis Chateaubriand, que o convidou para trabalhar na revista, em 1943. Contratado pela então exorbitante quantia de quatro contos de réis por mês, o fotógrafo imediatamente começou a trabalhar. Sobre esse período, o próprio Jean Manzon narra, em entrevista concedida à Funarte:

Quando cheguei em *O Cruzeiro* a reportagem fotográfica no Brasil era inexistente. A revista era uma empresa muito pequena, tinha três salas na rua do Livramento, uns 15 ou 20 anos de existência e uma tiragem de 17 mil exemplares. Havia um atraso muito grande, a paginação era confusa e, sobretudo, muito receio de mudar. Comecei minhas matérias sem ninguém que escrevesse os textos, nem mesmo as legendas, portanto quando encontrei David Nasser na Amazônia pedi à direção que o contratasse para trabalhar comigo. Formamos uma dupla (1986, p. 11).

Historicamente, a utilização de fotografias em revistas teve início no Brasil na década de 1920, sendo que quando *Cruzeiro*<sup>1</sup> foi lançada em meio a uma vistosa campanha publicitária em 10 de novembro de 1928, já encontrou outras similares, a exemplo da *Vida Doméstica*, *Sombra*, *Rio Magazine*, *A Cigarra*, *Para-Todos*, *Careta* e *Fon-Fon*. O que contribuiu para que ela se tornasse um fenômeno, distinguindo-se das demais revistas ilustradas, foi sua transformação em uma publicação eminentemente visual, destacando-se a utilização do fotojornalismo de forma pioneira: “O uso freqüente de imagens encadeadas em série na documentação de um determinado fato inaugurou uma linha que viria marcar sensivelmente a fotografia de reportagem, posto que a linguagem utilizada passou a incorporar a foto como elemento narrativo em contextos diversos” (PEREGRINO, 1991, p. 20).

Segundo uma ótica mais abrangente, o sucesso da revista *O Cruzeiro* fez parte de toda uma visão empresarial polêmica e controvertida, mas obstinadamente grandiosa, do empreendedor Assis Chateaubriand “que chegaria a ter 34 jornais, uma editora e numerosas revistas. Na linha de comunicação, dominou 36 estações de rádio e 16 emissoras de televisão” (Idem, p. 16). Por vezes assumindo posições eticamente comprometidas, porém sempre buscando aliar-se ao que existia de mais expressivo no meio artístico e intelectual, Assis Chateaubriand era bastante competente para aglutinar nomes de talento aos seus projetos.

Conforme observa Fernando Moraes (1996, p. 353), nos anos de 1930, por exemplo, Chateaubriand contratou o “competente e moderno” Dario de Almeida Magalhães para acumular a diretoria geral dos *Diários Associados* e de *O Cruzeiro*. Data desse período a participação de muitos nomes que alcançaram uma projeção significativa na literatura e no jornalismo, “como os escritores Manuel Bandeira, Gustavo Barroso, Graça Aranha, Viriato Correia e os jornalistas David Nasser, Edmar Morel, Alex Vianny e, pouco tempo depois, Millôr Fernandes, Carlos Castello Branco e Frederico Chateaubriand”.

Também integraram a lista dos grandes nomes contratados por Dario Almeida de Magalhães artistas “que seriam consagrados pelo tempo entre os melhores do país, como Cândido Portinari, Aldo Bonadeli, Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Ismael Neri” (Idem). Nesse período, ao lado das grandes reportagens publicadas pelos *Diários Associados*, notadamente na revista *O Cruzeiro* toda semana havia publicações de jovens escritores brasileiros: “nas suas páginas se revezavam, entre outros, romancistas como Mário de Andrade, Jorge Amado, Érico Veríssimo, poetas como Augusto Frederico Schmidt e até nomes que despontavam do jornalismo para a ficção, como Joel Silveira” (Idem, p. 370). Vê-se, portanto, que em *O Cruzeiro* sempre existiu espaço para grandes talentos, tanto vindos de fora quanto brasileiros. Como se pode notar, investiu-se no estreitamento das relações com expressivos nomes da produção cultural modernista, evidenciando

os valores com os quais a linha implantada por Dario de Almeida Magalhães buscava identificar-se.

Nelson Brissac Peixoto (1995, p. 363) afirma que “Aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber”. Esse ‘olhar estrangeiro’ sobre as culturas estranhas para os que chegam tem a capacidade de ser traduzido em toda sorte de sentimentos, menos a indiferença. Ao adentrar em *O Cruzeiro*, Jean Manzon imediatamente implantou novos paradigmas, baseados em critérios já adotados pela imprensa europeia: o trabalho jornalístico passou a ser desenvolvido por duplas de reportagens, sendo que um ficava encarregado de escrever e o outro de fotografar, embora na prática não houvesse rigidez em relação a isso, já que muitos fotógrafos por vezes escreviam.

Como vinha ocorrendo desde a contratação do fotógrafo francês Jean Manzon pelos *Diários Associados*, diversas duplas passaram a se destacar nas páginas de *O Cruzeiro*, a exemplo das formadas pelo próprio Manzon e David Nasser, José Leal e José Medeiros e Ubiratan de Lemos e Mário de Moraes, entre outras. Na Bahia a produção de muitas matérias que chegaram a conquistar sucesso e repercussão desenvolveu-se notadamente a partir do trabalho de uma dupla inusitada: um jornalista pernambucano e um fotógrafo francês.

## **2. O CRUZEIRO NA BAHIA E A CHEGADA DE PIERRE VERGER**

O pernambucano Odorico Tavares havia chegado a Salvador em 5 de março de 1942 para dirigir a sucursal dos *Diários Associados* na Bahia, que então reunia o jornal *Estado da Bahia*, a *Rádio Sociedade* e o *Diário de Notícias*, que funcionava na Rua Portugal, no bairro do Comércio, na Cidade Baixa. Uma grande tarefa para o jornalista de 29 anos que chegava após uma retirada estratégica do seu cargo de jornalista do *Diário de Pernambuco*, onde desde 1938 manifestava-se como opositor à ditadura de Getúlio Vargas e por isso sofria uma perseguição ferrenha.

Preocupado com a integridade de seu colaborador, Chateaubriand tratou de transferi-lo para a Bahia quando intelectuais pernambucanos passaram a ser agredidos e presos. Habilidade, apreciador das artes e da poesia, Odorico logo se adaptou a Salvador, entrosando-se entre os poetas populares, os intelectuais e cantores, cultivando amizades influentes e administrando com habilidade seu cargo, passando a ser uma referência na cidade que o acolheu.

O francês Pierre Verger chegou a Salvador em 5 de agosto de 1946 – quatro anos após Odorico Tavares – como fotógrafo devidamente

contratado pelos *Diários Associados*. Conseguiu esse emprego já aos 43 anos, em uma passagem pelo Rio de Janeiro, quando, na oportunidade, apresentou aos diretores dos *Diários Associados* algumas fotos suas tiradas no Peru, para serem publicadas na revista *O Cruzeiro*, ilustrando uma matéria escrita por Vera Pacheco Jordão. Nesse mesmo encontro foi-lhe feita a proposta que mudaria para sempre sua vida: “[...] eles souberam de minha intenção de ir à Bahia, pediram-me que lhes mandasse reportagens. Assinamos um contrato que fez maravilhas junto aos funcionários dos serviços de imigração, onde obtive a carteira modelo dezoito, que me autorizou a residir no país” (VERGER, 1982, p. 239).

Quando foi contratado pelos *Diários Associados* para fotografar na Bahia Verger já tinha importantes contatos no Brasil e aqui se encontrava pela terceira vez, trazendo na bagagem uma carreira internacional bem sucedida, com fotografias publicadas em importantes jornais e revistas, além de amigos influentes em diversas partes do mundo e uma vida marcada pela aventura e liberdade. Embora não fosse exilado, como muitos dos estrangeiros que passaram a integrar a equipe na década de 1940, então Verger era, como outros que deixaram a Europa na primeira metade do século XX, um homem que abandonou suas raízes e partiu pelo mundo para fazer a sua história, conforme ele próprio afirmou:

Abandonei a existência burguesa na Europa quando percebi que não suportaria passar o resto da minha vida num meio social no qual as pessoas passam o tempo tentando causar impressão umas às outras, onde a maior parte dos indivíduos se transforma em personagens fictícios que saem por aí em busca desesperada de confirmação, e onde todos, ou quase todos, representam um papel, à maneira de papagaios instruídos (VERGER, 2002b, p. 21).

Sempre na condição de fotógrafo, Verger entregou-se por completo a uma vida livre, repleta de acontecimentos marcantes e de muito trabalho. Ele viajou pelo mundo inteiro, teve fotografias publicadas em diversos e importantes jornais e revistas da época e fundou em 1934, sob a liderança de Pierre Boucher e René Zuber, a agência fotográfica *Alliance Photo*, juntamente com Eméric Feher e Denise Bellon. Vivendo sempre em condições financeiras precárias e se hospedando em lugares simples, fotografou importantes personalidades e grandes acontecimentos da época, mas priorizou suas atenções para as pessoas do povo, registrando diversos aspectos das mais distintas culturas. Foi, portanto, como um viajado, experiente, reconhecido e, ainda assim, simples fotógrafo, que Pierre Verger chegou à Bahia, conforme registrou:

Cheguei à Bahia no dia 5 de agosto de 1946, a bordo de um pequeno vapor da Companhia de Navegação Costeira, o Comandante Capella. Era um navio muito velho e vagaroso, que fazia sua última viagem. Levamos

um longo tempo para chegar do Rio de Janeiro até a Bahia. Entre os numerosos passageiros, retornando à cidade do Salvador, havia uma delegação de estudantes que participara de algum congresso ou reunião oficial. Como não falava português na época, era através de sinais e onomatopéias que me comunicava com os companheiros de viagem (VERGER, 2002a, p. 25).

Em Salvador, Pierre Verger hospedou-se em um quarto de três por três metros no Hotel Chile (no centro da cidade, próximo ao Pelourinho e ao Elevador Lacerda) onde morou até janeiro de 1951 (mudando-se nesse ano para o Taboão). Esse quarto ficava no ponto mais alto do prédio, propiciando ao fotógrafo uma vista privilegiada da Baía de Todos os Santos e aproximando-o visualmente com uma das áreas mais efervescentes da época, já que dali avistava o Mercado Modelo, o porto de Saveiros, a Igreja da Conceição e outros pontos importantes.

Entre 1946 e 1951 Verger realizou diversas viagens pelo interior da Bahia e pelo Brasil, indo a Pernambuco, Pará, Maranhão, Rio de Janeiro, além de também viajar para o exterior, indo a Paramaribo (antiga Guiana Holandesa), Gana, Haiti, França, Senegal, Benin (antigo Daomé) e Nigéria (NÓBREGA e ECHEVERRIA, 2002, p. 414-416). Ainda assim, nesse período foram publicadas 55 matérias com fotografias suas pelos *Diários Associados*, sendo quatro na revista *A Cigarra* e 51 na revista *O Cruzeiro* (Idem, p. 458-461).

### **3. SALVADOR NAS PÁGINAS DE O CRUZEIRO E A CIGARRA**

Embora outras reportagens ambientadas em Salvador tenham sido publicadas em *O Cruzeiro* entre 1946 e 1951, a exemplo da reportagem *Rui volta à Bahia*, com texto de José Leal e fotos de José Medeiros, o artigo prioriza o trabalho fotojornalístico de Pierre Verger em Salvador. Assim, partindo do levantamento apresentado por Cida Nóbrega e Regina Echeverria, foram identificadas 25 matérias publicadas nas revistas *O Cruzeiro* e *A Cigarra* que tratam, especificamente, sobre a capital baiana ilustradas com fotografias de Pierre Verger<sup>1</sup>. Todas as reportagens do período pesquisado demonstram uma conotação eminentemente popular e a maioria dos temas escolhidos estava profundamente ligada ao dia-a-dia do povo simples, abordando seu ambiente de trabalho e lazer, seus afazeres, costumes, crenças e hábitos. Também pode-se deduzir a importância que a fotografia teve em todas essas publicações: em 25 matérias foram publicadas 373 fotografias, mantendo, portanto, um padrão coerente com o estilo vigente adotado pela revista, ou seja, a valorização da imagem.

Observando a série de matérias sobre Salvador publicadas entre agosto de 1946 e julho de 1951 nos dois periódicos, pode-se concluir que foram diagramadas dentro dos moldes gráficos das demais reportagens publicadas nas mesmas no período, priorizando enfaticamente as fotografias, sempre acompanhadas por legendas e harmoniosamente coerentes com os textos jornalísticos.

Sobre esse aspecto torna-se importante frisar que, conforme observou Lorenzo Vilches (1987, p. 77) “A foto de imprensa em nenhum momento é mais simples que o texto escrito. Sua estrutura é completa, em igual medida, como o é o texto escrito e tanto um como outro são produtos de diversas transformações discursivas”. Seguindo a linha de pensamento que o autor apresentou, pode-se argumentar que, embora as imagens tenham se tornado uma forma peculiar de referenciar o discurso jornalístico, elas não se resumem a uma ilustração do texto escrito nem servem apenas a uma sustentação da linguagem escrita, mas juntos, imagem e texto podem desenvolver determinados processos cognitivos através da informação jornalística.

Portanto, de acordo com a linha de pensamento exposta, a fotografia jornalística guarda suas características próprias, embora não se possa ignorar que esteja inerentemente atrelada às matérias e servindo para a produção de sentido em coerência com as mesmas. Também não se pode desprezar sua ligação com todo o sistema produtivo da indústria cultural, observando que, comumente, antes de ser realizada, a fotografia de imprensa já é previamente direcionada, sendo também um reflexo de uma gama de interesses, escolhas e direcionamentos. Na prática, ainda antes mesmo de ser executada, a fotografia jornalística envolve a linha filosófica e política, os interesses editoriais, econômicos e até pessoais da empresa que a publica e dos profissionais que determinam que matéria será feita e que fotografias serão publicadas, definindo como, quando, com que destaque, em que posição e em que página ou, ainda, se vai, de fato, ser publicada.

No caso específico das matérias veiculadas em *O Cruzeiro* e *A Cigarra* no período analisado, essas linhas não eram rígidas, pois os fotógrafos por vezes realizavam seus trabalhos para que depois, com base no material apresentado, alguém escrevesse as matérias. Segundo afirmou Angela Lühning, em pesquisa realizada sobre Verger nos tempos da revista *O Cruzeiro*:

É importante frisar de início que Verger, durante a duração do primeiro contrato, praticamente só realizava a parte fotográfica das reportagens, embora tenha ressaltado que tinha total liberdade de escolher o assunto a ser documentado por ele e o qual seria acompanhado por um texto posterior ou concomitantemente

escrito por um jornalista. Não se sabe ao certo se chegou a exercer muita influência em relação ao conteúdo e ao formato do texto que ficava a cargo dos jornalistas que iriam fazer as reportagens com ele (LÜHNING, 2004, p. 19).

Essa observação torna-se particularmente importante, pois embora a própria trajetória de Verger evidencie a sua opção por fotografar aspectos ligados à cultura popular, tendo uma vastíssima experiência nesse aspecto, ao chegar à Bahia pela primeira vez, após ter firmado seu primeiro contrato com a empresa *Diários Associados*, Verger praticamente não falava português e conhecia muito pouco da cultura baiana. Segundo o próprio Verger (1982, p. 240) “Desde minha chegada naquela cidade, fui parceiro de Odorico Tavares que havia aceito escrever os textos para acompanhar as fotos que deveria enviar para *O Cruzeiro*”.

Odorico Tavares – que conforme já mencionado, na época era representante dos *Diários Associados* em Salvador e estava habituado a transitar nas mais diferentes esferas sociais da cidade – desenvolveu uma importante parceria profissional com Verger. Das 25 matérias pesquisadas, 18 delas têm fotos de Pierre Verger e texto de Odorico Tavares<sup>1</sup>. Essa parceria rendeu para a Bahia uma importante contribuição, tanto no aspecto do registro feito pela escrita, quanto pelas imagens produzidas por Verger:

Certamente, o interesse jornalístico de Odorico combinava com o fotográfico de Verger, abordando assuntos que ficavam na convergência temática dos dois. Desta forma, os assuntos publicados por ambos se diferenciavam da temática geral predominante na *O Cruzeiro* da época. O famoso repórter David Nasser preferia o universo de reportagens sensacionalistas que abordavam temas fora ou distante do universo cotidiano, o qual era priorizado por Verger. Mesmo assim, fica visível que os assuntos mais populares, dentro da linha de colaboração entre Odorico e Verger, não foram abordados pelo próprio Odorico Tavares, mas por seu irmão, Cláudio Tavares. Este fez com Verger uma reportagem sobre as rodas de samba, a capoeira e grupos carnavalescos, os afochês da Bahia (LÜHNING, 2004, p.20).

Vale ressaltar, a abordagem contínua do universo da cultura popular de Salvador através das matérias publicadas em *O Cruzeiro* e *A Cigarra*, de fato nada apresentava de sensacionalista em seus textos ou fotografias, sendo por isso mesmo ainda mais valiosas. A apresentação de matérias de visibilidade nacional, abordando aspectos da cidade de Salvador e sua gente, suas tradições, costumes e hábitos, sua história e seu patrimônio artístico e arquitetônico, seus artistas populares ou com estudos no exterior, era um fato até então raro, embora caiba registrar o importante trabalho desenvolvido por Edison Carneiro<sup>2</sup>.

As reportagens fotografadas por Pierre Verger e escritas por Odorico Tavares para a revista *O Cruzeiro*, por exemplo, apresentavam temas diversos, mas em sua maioria predominou o dia-a-dia do povo, como pode-se constatar na série de matérias especificamente ambientadas em Salvador. Na matéria *Saveiros do Recôncavo*, publicada em 30 de novembro de 1946, o tema foi tratado valorizando a versão poética de alguns autores sobre o assunto e, ainda, privilegiando a visão menos romântica da rotina dos que conviviam com esse importante meio de transporte da época. Na reportagem *Itinerário das feiras da Bahia*, publicada em fevereiro de 1947, figuram as maiores e mais importantes feiras populares da época, a exemplo de Água de Meninos, a feira do Cortume, Sete Portas, Largo dois de Julho e outras, sendo que Odorico detalhou com bastante familiaridade as sutilezas que diferenciavam cada uma, citando os produtos comercializados, de onde vinham e como eram transportados, também descrevendo o público de determinadas feiras.

Na matéria que ostenta o pomposo título *Atlas carrega o seu mundo*, publicada em abril de 1947, Verger e Odorico registraram o hábito do povo de carregar as mais variadas coisas na cabeça, seja na rampa do Mercado, nas feiras ou pelas ruas da cidade, evidenciando, em todas as fotografias, a presença do negro nesse universo popular de forma digna, forte e vigorosa. As reportagens publicadas com fotos de Pierre Verger e textos de Odorico Tavares também registraram diversos aspectos das questões ligadas à religião, abordando temas relacionados ao catolicismo e ao universo das festas populares, conforme consta na reportagem *Conceição da Praia*, publicada em maio de 1947. Textos e fotos destacam a festa em homenagem a Nossa Senhora da Conceição da Praia, tradicionalmente realizada no mês de dezembro, com procissão, missa e festa de largo. A lavagem da igreja do Bonfim foi primeiramente abordada na matéria publicada em março de 1947 com o título *O ciclo do Bonfim*, já em junho de 1951, textos e fotos denunciavam a decadência dessa tradição na reportagem *Decadência e morte da lavagem do Bonfim*.

Ainda da religião católica, a devoção a São Cosme e São Damião, festejados no mês de setembro na Bahia com pratos à base da culinária africana nos tradicionais carurus, foi tema da matéria *Cosme e Damião: os santos mabaças*, publicada em novembro de 1950. Odorico Tavares e Pierre Verger destacaram nas páginas de *O Cruzeiro* as manifestações de fé a Iemanjá, documentando a festa e entrega de presentes realizadas no dia dois de fevereiro, no bairro do Rio Vermelho, em Salvador, na reportagem *O reino de Yemanjá*, publicada em abril de 1947.

Pierre Verger e Odorico Tavares trataram da culinária baiana, em *A cozinha da Bahia*, publicada em dezembro de 1950, destacando a famosa cozinheira negra Maria de São Pedro. No texto, Odorico Tavares demonstrou bastante familiaridade com um cardápio evidentemente ao gosto popular. Os dois também registraram nas páginas de *O Cruzeiro*

um pouco da vida e obra de artistas de universos bem diferentes, a exemplo do pintor Pancetti, destaque da matéria *Pancetti e os mares da Bahia*, publicada em novembro de 1950 e do pintor Rafael, tema principal da reportagem *Rafael, o pintor*, publicada em janeiro de 1951.

Registraram a passagem do já famoso cantor Dorival Caymmi na matéria *Caymmi na Bahia*, em reportagem de maio de 1947 e divulgaram os artistas Mário Cravo Júnior, Carlos Bastos, Carybé, Maria Célia, Genaro de Carvalho e outros, que foram destaque em *O Cruzeiro* na reportagem *Revolução na Bahia*, publicada em julho de 1951. Dos poetas da literatura de cordel, o destaque foi Cuíca de Santo Amaro, um polêmico e conhecidíssimo poeta, amigo de Odorico Tavares, que foi fotografado por Pierre Verger em sua primeira fotorreportagem realizada em Salvador, logo em outubro de 1946, publicada com o título *Trovadores da Bahia*<sup>3</sup>.

Além de Odorico Tavares, as fotografias de Pierre Verger também ilustraram textos de outros colaboradores da revista *O Cruzeiro*. Em parceria com Godofredo Filho, um dos primeiros poetas modernos da Bahia, amigo de Jorge Amado desde a década de 1920 e um dos melhores amigos de Odorico Tavares, Pierre Verger tratou do barroco baiano para ilustrar o texto *O mundo trágico da talha baiana*, publicado em fevereiro de 1947.

No período pesquisado, Cláudio Tuiuti Tavares (irmão de Odorico Tavares) assinou três das matérias com abordagens mais voltadas para a cultura negra, todas fartamente ilustradas com fotografias de Pierre Verger. Na *O Cruzeiro*, em janeiro de 1948, foi publicada *Capoeira mata um!* Destacando o jogo da capoeira, já em maio de 1948 foi publicada *Afoché – Ritmo bárbaro da Bahia*. Em *A Cigarra* (revista editada em tamanho menor e de menor prestígio e repercussão que *O Cruzeiro*) a matéria *Roda de samba*, publicada em abril de 1949 com texto de Cláudio Tuiuti Tavares e fotos de Verger exaltou o samba como originário das ‘misteriosas nações africanas’, representando ‘a música e a dança de uma cultura primitiva’, enaltecendo o seu ritmo e narrando aspectos históricos do samba na Bahia.

O poeta cordelista Rodolfo Coelho Cavalcante, muito popular em Salvador no período, escreveu para *O Cruzeiro* o *ABC da Bahia*, publicado em maio de 1947 e trazendo, para cada letra do alfabeto, um verso seu e uma fotografia de Pierre Verger, sempre enaltecendo aspectos da cidade de Salvador e da cultura popular, a exemplo da culinária, da capoeira e das festas. Já a matéria *Baianas das saias rodadas*, escrita por José Leal (repórter de *O Cruzeiro*) e publicada em fevereiro de 1949, fez uma espécie de apresentação das saias usadas pelas baianas em Salvador, baseando-se nas fotografias de Pierre Verger.

A reportagem intitulada *Candomblé*, publicada em *A Cigarra* em junho de 1949, foi escrita pelo amigo de Verger, Roger Bastide, após acompanharem um ritual de iniciação ao candomblé, no terreiro de

Joãozinho Da Goméia, em Salvador. Provavelmente a primeira matéria sobre o assunto a circular em uma revista tão importante (embora menos evidente que *O Cruzeiro*) tratada de maneira séria e imparcial, com fotografias que registraram o evento, trazendo para um veículo de comunicação ao alcance do grande público imagens de um ritual só acessível a pessoas próximas ao candomblé.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

A abordagem desses temas populares, ligados à cultura baiana – portanto, de caráter restrito, regional – de forma séria e relevante em revistas como *O Cruzeiro* e *A Cigarra* propiciou, pelas fotografias de Pierre Verger, todo um referencial visual até então inédito em nível nacional. Para a Bahia Verger trouxe seu olhar próximo, solidário com o que fotografava: “O tripé de uma câmera é como o mastro de uma bandeira: para fincá-lo no solo é preciso primeiro ocupar um território ou – mais comumente – estar solidário com aqueles que o ocupam” (MACHADO, 1984, p. 105) foi por esse olhar ‘solidário’ que Verger colocou o ser humano simples, anônimo, quase sempre negro e pobre em primeiro plano, conforme pode-se observar na maioria das suas 373 fotografias publicadas sobre Salvador nas revistas *O Cruzeiro* e *A Cigarra*.

Verger traduziu em imagens os poetas da literatura de cordel, os freqüentadores de terreiros de candomblé, os sambistas, as baianas com seus ricos trajes nas festas populares, os católicos seguindo as procissões, os trabalhadores das feiras livres e do porto, a sensualidade, o gestual do povo baiano. E só a partir de então vai-se destacar a cidade da Bahia já descrita por Jorge Amado e cantada por Dorival Caymmi, agora em imagens de Pierre Verger, que chega ao grande público entre 1946 e 1951 através das revistas *O Cruzeiro* e *A Cigarra*.

#### NOTAS

\* Juciara Maria Nogueira Barbosa é fotógrafa, mestra em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, professora do curso de Comunicação Social da Universidade Católica do Salvador e professora substituta de História da Arte Brasileira da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia.

<sup>1</sup> Pode-se observar que desde a década de 1920 Assis Chateaubriand já incorporava em importantes cargos da empresa refugiados estrangeiros: “O título da revista foi comprado de Edmundo Miranda Jordão por dois contos e quinhentos mil réis. No centro do Rio de Janeiro foi instalada a sede da empresa nascente, que esteve sob a direção do escritor português, refugiado no Brasil, Carlos Malheiro Dias” (PEREGRINO, 1991, p. 16).

<sup>2</sup> As pesquisas nas revistas *O Cruzeiro* e *A Cigarra* foram realizadas na Fundação Pierre Verger, Biblioteca Pública do Estado da Bahia e em arquivo particular a partir da bibliografia indicada em: NÓBREGA, Cida e ECHEVERRIA, Regina. *Verger: um retrato em preto e branco*. Salvador, Corrupio, 2002. p. 458-461.

<sup>3</sup> Vale lembrar que, conforme registrou Cida Nóbrega e Regina Echeverria (2002, p. 159), do total de 60 matérias publicadas durante os anos de contrato de Pierre Verger com os *Diários Associados*, 27 delas foram feitas em parceria com Odorico Tavares.

<sup>4</sup> Segundo narrou Vivaldo da Costa Lima (In: OLIVEIRA e LIMA, 1987, p. 41-42), em 1936 o baiano Edison Carneiro passou a divulgar no jornal *O Estado da Bahia* as festas de candomblé e organizou uma série de matérias sobre candomblés, ilustradas inclusive com fotografias. Edison Carneiro foi amigo de Jorge Amado desde a adolescência e ao longo da vida realizou importantes estudos sobre a cultura negra.

<sup>5</sup> Além das 14 reportagens publicadas na revista *O Cruzeiro* que apresentam textos de Odorico Tavares e fotos de Pierre Verger que foram aqui brevemente registradas, também foram publicadas em *O Cruzeiro* no período pesquisado as quatro reportagens: *A pesca do Xaréu*, - 18 out. 1947, *Lagoa do Abaeté* - 12 nov. 1949, *A escultura afro-brasileira na Bahia* - 14 abr. 1951, *A casa do Tio Juca* - 26 maio 1951.

## REFERÊNCIAS

LÜHNING, Angela (Org.). *Pierre Verger, repórter fotográfico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAGALHÃES, Ângela e PEREGRINO, Nadja (org.). *José Medeiros – 50 anos de fotografia*. Rio de Janeiro, Funarte, 1986.

MORAIS, Fernando. *Chatô O rei do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NÓBREGA, Cida; ECHEVERRIA, Regina. *Verger um retrato em preto e branco*. Salvador: Corrupio, 2002.

OLIVEIRA, Waldir Freitas e LIMA, Vivaldo da Costa. *Cartas de Edison Carneiro a Artur Ramos*. São Paulo: Corrupio, 1987.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES: Adauto. et. al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 361-366.

PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro. A revolução na fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

PEREIRA, Simone Ferreira Rodrigues. *Os anos dourados da fotografia brasileira – arte e documento entre tradições e sínteses culturais*. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1997, 143p. (Dissertação apresentada ao Mestrado em História, Departamento de História).

SANTANA, Jussilene. Odorico Tavares. O homem de Chatô. In: *Memórias da Bahia II*. Salvador: Empresa Baiana de Jornalismo, 2004. p. 5-33. (Coleção Grandes Reportagens do Correio da Bahia, v. 11).

VERGER, Pierre. *50 anos de fotografia*. Salvador: Corrupio, 1982.

\_\_\_\_\_. *Retratos da Bahia*. 3 ed. Salvador: Corrupio, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Saída de laô*. São Paulo: Axis Mundi, 2002b.

VILCHES, Lorenzo. *Teoria de la imagen periodística*. Ediciones Paidós. Barcelona: 1987.

#### PERIÓDICOS:

BASTIDE, Roger. Candomblé. *A Cigarra*. Rio de Janeiro, jun. 1949. Ilustrada com 12 fotos de Pierre Verger.

CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. ABC da Bahia. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 28. 3 maio 1947. Ilustrada com 12 fotos de Pierre Verger.

GODOFREDO FILHO. O mundo trágico da talha baiana. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 15. 1 fev. 1947. Ilustrada com 15 fotos de Pierre Verger.

LEAL, José. Baianas das saias rodadas. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 21, n. 16. 5 fev. 1949. Ilustrada com 15 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Rui volta à Bahia. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 21, 26 nov. 1949. Fotos: José Medeiros.

TAVARES, Cláudio Tuiuti. Capoeira mata um! *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 20, n. 12. 10 jan. 1948. Ilustrada com 23 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Afoché- Ritmo bárbaro da Bahia. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 20, n. 32. 29 maio 1948. Ilustrada com 22 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Roda de Samba. *A Cigarra*. Rio de Janeiro, abr. 1949. Ilustrada com 12 fotos de Pierre Verger.

TAVARES, Odorico. Trovadores da Bahia. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 1. 26 out. 1946. Ilustrada com 22 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Saveiros do Recôncavo. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 6. 30 nov. 1946. Ilustrada com 14 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Itinerário das feiras da Bahia. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 17. 15 fev. 1947. Ilustrada com 15 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. O ciclo do Bonfim. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 22. 22 mar. 1947. Ilustrada com 13 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Atlas carrega o seu mundo. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 24. 5 abr. 1947. Ilustrada com 15 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. O reino de Yemanjá. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 27. 26 abr. 1947. Ilustrada com 12 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Caymmi na Bahia. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 30. 17 maio 1947. Ilustrada com 11 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Conceição da Praia. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 32. 31 maio 1947. Ilustrada com 11 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. A pesca do xaréu. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 52. 18 out. 1947. Ilustrada com 10 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Lagoa do Abaeté. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 22. 12 nov. 1949. Ilustrada com 11 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Pancetti e os mares da Bahia. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 23, n. 4. 11 nov. 1950. Ilustrada com 12 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Cosme e Damião: os santos mabaças. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 23, n. 5. 18 nov. 1950. Ilustrada com 16 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. A cozinha da Bahia. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 23, n. 7. 2 dez. 1950. Ilustrada com 19 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Rafael, o pintor. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 23, n. 12. 6 jan. 1951. Ilustrada com 17 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. A escultura afro-brasileira na Bahia. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 23, n. 26. 14 abr. 1951. Ilustrada com 16 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. A casa do Tio Juca. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 23, n. 32. 26 maio 1951. Ilustrada com 12 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Decadência e morte da lavagem do Bonfim. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 23, n. 36. 23 jun. 1951. Ilustrada com 11 fotos de Pierre Verger.

\_\_\_\_\_. Revolução na Bahia. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 23, n. 38. 7 jul. 1951. Ilustrada com 11 fotos de Pierre Verger.